

Discurso

Discurso do Conselheiro Gerson Bulhões Ferreira, ao despedir-se do Tribunal de Contas do Estado de Goiás, em 22 de novembro de 2012.

Hoje, ao me despedir deste Tribunal, de meus nobres pares, dos servidores e amigos desta instituição, começo por mencionar que são quase 50 anos a separar dois importantes momentos de minha vida. No primeiro, ainda menino, órfão de pai, com a mãe e dois irmãos, proveniente de uma "grande metrópole brasileira, a longinqua Silvânia", aportei em Goiânia, então jovem Capital de Goiás. Encontrei aqui, no Tribunal de Contas do Estado, em 1963, o meu segundo e definitivo emprego. O segundo momento – precisamente este – é quando se avizinha bem ali o ato de aposentadoria que me desligará do serviço ativo do órgão em que passei praticamente toda a minha vida.

Então, não é difícil imaginar o turbilhão de sentimentos que me invade a alma nesses dias, variando daqueles que me afligem, como a saudade antecipada – aos que me confortam, como a sensação do dever cumprido e conforto das fraternas amizades consolidadas. Sobre esses sentimentos o que lhes posso dizer é que, se saio do Tribunal de Contas por contingência da regra funcional, por outro lado, pela força dos laços da afetividade, o TCE nunca sairá de mim. E me entrego à esta nova fase da vida com a aceitação que sabiamente a Bíblia nos ensina, no livro do Eclesiastes, de que há tempo para tudo, tempo para plantar, tempo para colher, tempo para amar, para se reconciliar, para trabalhar e tempo para descansar.

Muito já se disse sobre as pessoas e as instituições e recorro-me aqui às citações do conselheiro Carlos Leopoldo Dayrell, para quem, sem as pessoas, uma entidade pública não passa de mera abstração.

Permitam-me então falar daqueles com quem convivi nesse quase meio século e com os quais sempre aprendi e partilhei o trabalho de construção da história desta Corte. Por isso, meu imenso respeito por todos. Sei que, citando nomes, correrei o risco de injustiçar esse ou aquele pelo esquecimento, que é involuntário e perdoável aos que, a meu exemplo, já avançam pela idade.

Senhor Presidente, Senhores Conselheiros, Senhora Conselheira, Senhor Procurador. Peço lhes vênua para mencionar e homenagear os falecidos Conselheiros Waldir Castro Quinta, Misach Costa Ferreira, Napoleão Costa Ferreira, Edson Godoy, Venerando de Freitas Borges, Dione Costa, Ronan Machado, Iturival Nascimento, Pedro Celestino de Souza Filho, Joaquim Gomes Filho e Henrique Santillo, este notável brasileiro a quem tive a honra de suceder nesta Casa.

E os Conselheiros aposentados: Frederico Jayme Filho, Ênio Pascoal, Carlos Dayrell, José Sebba, Antônio Magalhães, Eurico Barbosa, Nelson Siqueira, Anísio de Souza, Carlos Leopoldo Dayrell e Naphtali Alves de Souza.

Aos auditores Luiz Murilo, Leovegildo Rodrigues, Joaquim Graciano e Mário Dayrell, em nome dos quais saúdo os demais integrantes da Auditoria. Ao Procurador Eduardo Luz, em nome da qual saúdo os demais integrantes do Ministério Público de Contas. Aos ex-procuradores falecidos Waldir Luiz Costa, Antônio Carneiro Vaz, Benedito Brandão e Hegesipo Campos Meireles. E aqueles procuradores que felizmente ainda se acham entre nós: Marcos Afonso Borges, Stenius Crisóstomos Castro, Timóteo José Alves Neto, Edelberto Luiz da Silva e Marco Túlio Queiroz.

E, finalmente, aos meus nobilíssimos e ilustrados pares: Conselheiros Edson Ferrari, Milton Alves, Kennedy Trindade, Sebastião Tejeta, Celmar Rech e a Conselheira Carla Santillo. E também aos servidores, na pessoa de Antônio Gomes.

A todo homem é permitido sonhar, aspirar a alguma coisa, idealizar um projeto. Uns maiores, outros menores, bem modestos até, mas igualmente importantes para manter acesa a chama da esperança que anima a existência humana. É como nos relata a célebre composição de João Bosco:

Os bóias frias, quando tomam/ umas biritas espantando a tristeza/ sonham, com bife a cavalo, batata frita/ e a sobremesa/ é, goiabada cascão/ com muito queijo/ depois café/ cigarro e um beijo de uma mulata, chamada Leonor/ ou Dagmar

A refeição digna, ao alcance diário demilhões de brasileiros, representa para o bóia fria, sentenciado à parca alimentação, um belo e grandioso sonho! Mas há também outros sonhos, outros projetos: os doentios e obsessivos, para a consecução dos quais alguns se entregam sem nenhum lirismo e zero de nobreza; indo até às práticas mais condenáveis, tentando varrer do mapa aqueles a quem supõem serem obstáculos aos seus propósitos. Invariavelmente estes os sonhos transformam em pesadelos e frustrações.

Optamos nós pelos bons sonhos, o propósito de servir e cultivar os bons sentimentos. Como o amor que encontrei e cultivo há 41 anos com minha esposa Maria Celeste Fróes Ferreira, sob as bênçãos de Deus Pai e que me deu filhas, um filho e netos. Completando uma família maravilhosa meus dois amados irmãos, dois genros e uma nora.

Sem ter palavras que possam expressar esse amor, tomo emprestadas as do poeta Carlos Drummond de Andrade.

Ao Amor Antigo

O amor antigo vive de si mesmo,
Não de cultivo alheio ou de presença.
Nada exige nem pede. Nada espera,
mas do destino vão nega a sentença.

O amor antigo tem raízes fundas,
Feitas de sofrimento e de beleza.
Por aquelas mergulha no infinito,
E por estas suplanta a natureza.

Se em toda parte o tempo desmorona,
Aquilo que foi grande e deslumbrante,
o antigo amor, porém, nunca fenece
e a cada dia surge mais amante.
Mais ardente, mas pobre de esperança.
Mais triste? Não, ele venceu a dor.
E resplandece no seu canto obscuro,
Tanto mais velho quanto mais amor.

Sei que é muita pretensão de minha parte mas peço licença ao nosso poeta maior para acrescentar: é o amor que se contrapõe às influências negativas daqueles que sonham obsessivamente.

E já finalizando mas ainda no plano das licenças poéticas, citar outro grande escritor brasileiro, Mário Quintana: "Eles passarão, eu passarinho."

Muito obrigado a todos!